

Fim-de-Semana

EDIÇÕES NOVEMBRO

SALETT MIGUEL

“Não uso muito produtos de beleza e não faço dieta”

Salett Miguel é a actual detentora da coroa de Miss Angola. Falou dos seus projectos, das dificuldades enfrentadas na sua execução e partilhou aspectos da sua vida íntima. Salett diz que não tem muito para segredar e mostra que a sua beleza é natural. “Não uso muito produtos de beleza e não faço dieta. Gosto de comer quase tudo”



SALETT MIGUEL

Miss Angola em cruzada contra a fuga à paternidade

“Porta da Solução”. É assim como é conhecida Salett Miguel, a actual detentora da coroa de Miss Angola. Ela representou Angola no concurso Miss Universo 2019, nos Estados Unidos da América, que reuniu candidatas de 94 países. Salett venceu o concurso Miss Angola em Setembro, em representação da província do Cuanza-Sul. Através de uma plataforma digital, ela aceitou o convite para partilhar aspectos da sua vida íntima. Falou, sobretudo, do seu projecto social de apoio às vítimas da fuga à paternidade



Ferraz Neto

É dona de um sorriso e de uma performance física que despertam atenção a qualquer um. Salett Miguel tem 21 anos e é oriunda da vila pesqueira de Porto Amboim, município da província do Cuanza-Sul. A Miss é estudante de Ciência Política. Ser Miss Angola é sonho antigo e sente-se feliz por isso.

Salett Miguel considera o mandato de Miss Angola penoso, a julgar pelos empecilhos impostos pela crise financeira e a pandemia da covid-19. “Apesar de tudo, sinto-me feliz por ser a Miss Angola 2019”, garante.

É o amor que a move e a faz manter vivo o projecto. Nunca desistiu. A persistência leva-a a ter focos principais desafios que assumiu durante a campanha para a sua eleição: combate a fuga à paternidade. Apesar dos percalços impostos pela falta de apoios institucionais e financeiros, Salett definiu os seus principais alvos: mulheres zungueiras e instituições hospitalares.

As pesquisas e os dados recolhidos pela Miss Angola 2019 realçam que é neste grupo da nossa sociedade onde se regista o maior número de casos de fuga à paternidade. Focada em combater o fenómeno, Salett Miguel estabeleceu como alvo algumas instituições hospitalares.

O Centro Neurocirúrgico e de Tratamento da Hidrocefalia (CNCTH), localizado no bairro Kifika, distrito do Benfica, município do Talatona, em Luanda, é um dos locais escolhidos. Calcula-se que, anualmente, entre cinco mil e 10 mil crianças apresentam esta patologia. A acção de Salett Miguel incide, particularmente, nas crianças abandonadas pelos pais.

A acção de solidariedade recai na distribuição de uma cesta básica semanal. Salett não pára: incentiva as mães a levar os filhos para o hospital, enquanto os pais abdicaram das suas responsabilidades. Muitas mães, por falta de recursos financeiros, recusam-se a sair de casa para o hospital.

Mas Salett Miguel chega a utilizar

vários meios para convencer as mães a tirar os filhos enfermos de casa. A sua obra de caridade não tem sido apenas o Centro Neurocirúrgico e de Tratamento da Hidrocefalia. Outro dos alvos, na sua caminhada contra a fuga à paternidade, são as zungueiras.

Nas principais ruas da cidade de Luanda, e de outras do nosso país, é comum ver mulheres, jovens e crianças a venderem diferentes produtos e serviços, às vezes em locais não apropriados e mesmo proibidos. Estas mulheres são conhecidas, usualmente, como zungueiras.

A detentora da coroa de Miss Angola explica que os mercados do Prenda e do 30, este localizado em Viana, têm sido os locais preferenciais para o seu contacto directo com as zungueiras. Apesar de obstáculos como a falta de dinheiro e de patrocínios, o contacto tem sido proveitoso.

“Levamos amor e palavras de incentivo para cada uma delas. Partilhamos sentimentos. Muitas delas nunca tiveram o privilégio

de partilhar os seus testemunhos. As mulheres e as crianças, atendidas pelo projecto, passam por todo o tipo de situações em casa”, detalha Salett Miguel.

Violência doméstica, tráfico de drogas, familiares presos ou viciados, são alguns dos inúmeros problemas que são citados pelas pessoas. Mas há esperança em dias melhores. “O melhor está por vir”, enfatiza a Miss. Em cada contacto, Salett Miguel desperta as mulheres para a possibilidade de recurso à lei.

Miss confinada a Luanda

O projecto filantrópico desenvolvido pela Miss Angola 2019 é de âmbito nacional. Mas, a falta de patrocinadores e a escassez de apoios financeiros alteraram o projecto social, que agora está limitado a Luanda. Os imprevistos surgem e com eles as soluções. Nos dias que correm, com a pandemia covid-19, novos planos surgiram.

Um dos projectos, que irá estender-se a demais províncias, é

o da distribuição de material de higiene. O Comité Miss Angola e a empresa de detergentes Basel Angola abraçaram o combate contra o novo coronavírus seguindo as recomendações da Organização Mundial da Saúde. No quadro dessa parceria, estão a distribuir produtos de higiene aos centros de quarentena, bem como a várias instituições públicas e privadas.

“Não será possível a deslocação para o interior do país, mas estamos a trabalhar para que os bens cheguem aos destinatários, que são as pessoas mais desfavorecidas”, realça a belidade.

Tão logo se ultrapassem os contrangimentos derivados da ameaça da covid-19, e se levante finalmente o Estado de Emergência, Salett Miguel terá uma agenda nacional preenchida.

Malanje, Cuanza Norte, Bengo, Benguela e Cuanza Sul serão os destinos abrangidos. Salett Miguel diz que o seu projecto social visa sensibilizar, também, a população, e empresas públicas e privadas, a juntarem-se à sua causa.

A luta pela afirmação

COMITÉ MISS ANGOLA

Salett Miguel, em 2019, foi a representante de Angola no mais popular concurso de beleza, o Miss Universo, realizado no dia 8 de Dezembro em Atlanta, Estados Unidos da América, onde competiu com 89 candidatas ao título.

As dificuldades financeiras e a falta de patrocinadores, estiveram na base da “medonha” participação do rosto de Angola no maior concurso de beleza feminina do mundo. As razões estão identificadas. “Falta de preparação antecipada, de formação e de projectos sociais que dignificassem o nome do país”, segundo Salett Miguel.

De qualquer modo, com força de vontade e sagacidade, conseguiu ultrapassar os entraves próprios de um concurso como o Miss Universo. Superou o obstáculo da língua (inglesa) e “aguentou” a interacção com as 89 candidatas. Bateu-se e fez ouvir a sua voz.

Mas a inexperiência deixou por terra o seu sonho de conquista da coroa de Miss Universo. Mas nem tudo correu mal. Salett Miguel testemunhou a coroação da sul-africana Zozibini Tunzi. Em 67 anos de existência, o concurso Miss Universo premiou apenas cinco mulheres negras: Janelle Commissiong, em 1977, Wendy Fitzwilliam, em 1998, Mpule Kwelagobe,

em 1999, Leila Lopes, em 2011, e, em 2019, Zozibini Tunzi.

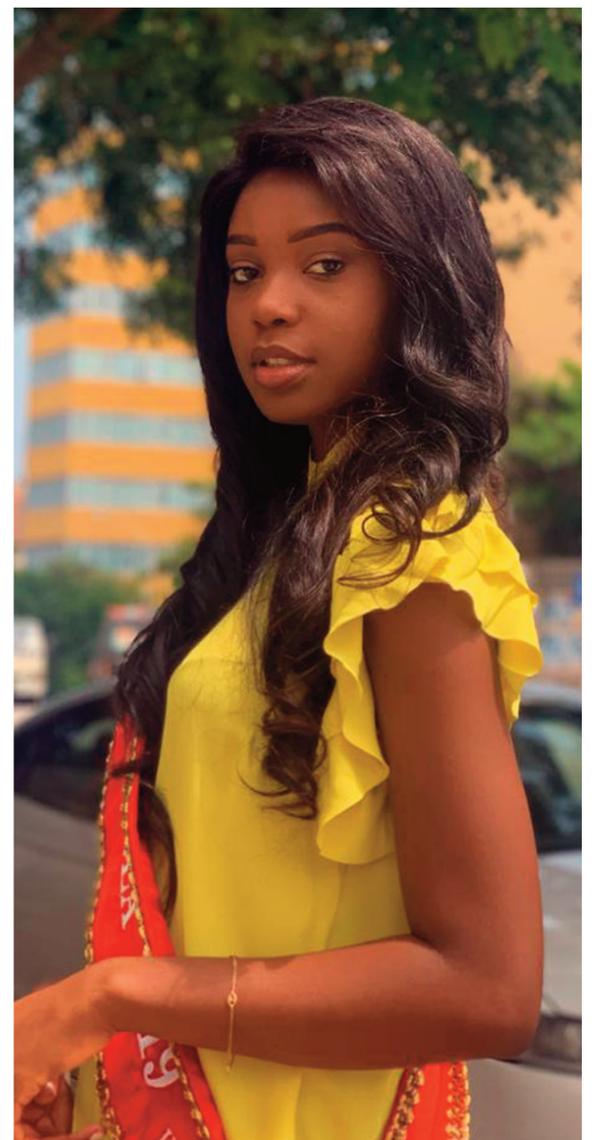
Salett Miguel confidenciou-nos que no Miss Universo 2019 privou e partilhou momentos como sul-africana Zozibini Tunzi. Daí conhecer as suas valências e pontos fortes.

Beldade de Angola e do Mundo

Dona de olhar fixo e bastante cuidadosa nas palavras, Salett Miguel é uma beldade com uma infinidade de seguidores, espalhados pelo mundo, nas diferentes plataformas digitais. Se, em Angola, pouco ou nada se sabe de Salett Miguel, nos Estados Unidos, Europa e América Latina, a Miss Angola 2019 é bastante conhecida.

Sendo uma pessoa que ajuda crianças em situação de pobreza, ela tem sido exemplo para os seus seguidores. “As minhas acções sociais, quando partilhadas nas redes sociais, têm sido referência e bastante elogiadas pelos meus seguidores noutras partes do mundo”, explica Salett Miguel.

As suas publicações diárias provocam reacções diversas e instantâneas. E os convites nunca lhe faltaram, além de perguntas sobre a localização geográfica, situação económica e política de Angola.



O lado íntimo

COMITÉ MISS ANGOLA

Nome completo?

Salett Natália Martins Miguel.

Data de nascimento?

10/10/1999.

As pessoas preocupam-se com o lado íntimo de uma Miss. Tem namorado?

Nas redes sociais, a pergunta que mais me é feita é esta. É um assunto que guardo apenas para mim. Peço desculpas, mas não irei responder a esta questão.

Durante a sua eleição, disse que a família esteve sempre do seu lado. Quem são os seus pais?

É verdade. A minha família sempre me apoiou nesta caminhada. Primeiro como Miss Cuanza Sul e depois como Miss Angola. Sou filha de Natália Martins António e de Domingos Miguel. Sou a segunda filha da minha mãe e a caçula do meu pai. Somos, no total, seis irmãos.

Poucas são as beldades que gostam de cozinhar. É o seu caso?

Não. Felizmente sei e gosto de cozinhar. Dou, como exemplo, o feijão de óleo de palma, os

diferentes tipos de funge, calulu e caldeirada. Conheço bem e sei fazê-las nossas iguarias. Enganam-se os que pensam que não sei cozinhar.

Há muitas jovens no país que gostariam de ser miss. Que palavras dirige para elas?

É um título que exige muita responsabilidade e que não deve ser abraçado só pelo facto de querer ser conhecida. Antes de tudo, é necessário que se tenha um projecto. É necessário que cada uma pense que é uma oportunidade para ajudar a sociedade e não pensarmos que seremos famosas. A Miss tem responsabilidades, e muitas.

Nos últimos tempos, a sociedade angolana, e não só, tem sido marcada por um novo tipo de relação amorosa. Falo da homossexualidade. O que tem a dizer sobre esse tipo de relação?

É verdade. Realmente, tenho respeito pela opção sexual de cada uma das pessoas que assim procede. Mas quero dizer que, enquanto religiosa, cristã, não comungo com a homossexual-

idade. Sou oriunda de uma família com uma educação religiosa. Mas estou numa sociedade e aceito e respeito.

Já foi assediada?

Já fui. Inúmeras vezes. Quero dizer-lhe que nunca me admirei por os homens me aliciarem. Mantenho sempre uma postura ética e moral. Exijo o respeito porque acho que mereço o meu espaço e a minha privacidade. Não admito faltas de respeito.

Já recebeu todos os prémios que lhe são devidos?

Ainda não. Este não é o meu foco, enquanto Miss Angola. Estou mais preocupada com a materialização dos projectos que tenho. O resto irei tratar depois.

Quais são os seus segredos para manter-se bonita?

Não tenho muito para segredar. Não uso muito produtos de beleza e não faço dieta. Gosto de comer quase tudo. Apenas pratico exercícios físicos.

Qual é o seu perfume preferido?

Giorgio Armani.



PSICÓLOGA MARIA DA ENCARNAÇÃO PIMENTA

“Estados de emergência estão previstos em psicologia”

ADra. Maria da Encarnação Pimenta recebeu-nos no portão da sua residência, algures numa das zonas de expansão de Luanda. Ela convidou-nos a lavar as mãos e encaminhou-nos para um jango, no enorme quintal transformado numa lavra densa, em que sobressaíam as culturas do milho, banana, feijão, ginguba, palmeiras... “Fiz um furo e tenho água em abundância”, disse, explicando que distribui, gratuitamente, o precioso líquido pela vizinhança. Solicitámos o encontro para que ela nos elucidasse sobre a dimensão psicológica do confinamento obrigatório por causa da pandemia da covid-19. A psicóloga respondeu às perguntas com a frontalidade que a caracteriza

JOÃO GOMES | EDIÇÕES NOVEMBRO



Isaquiel Cori

Que conselhos dá às pessoas, que, por força do Estado de Emergência, estão obrigadas a manter-se em casa?

A primeira coisa que as pessoas devem fazer é realizar não só as tarefas de rotina. Há actividades que nós, os angolanos, geralmente, não temos o hábito de fazer. Uma das coisas que aconselho é que leiam, escolhendo livros bons, por exemplo, romances. Há livros muito bons, que devem ser lidos. Este é o momento

ideal, por exemplo, para os pais estarem mais próximos dos filhos. É o momento dos filhos conhecerem bem os pais, das mães conhecerem bem os filhos, dos pais e os filhos realizarem tarefas domésticas que nunca foram realizadas. Por exemplo, pintar a casa, fazer reparações na casa... O pai deve fazer aquelas tarefas de canalizador, trocar lâmpadas, mudar a posição da mobília... É o momento ideal para os pais contarem histórias aos filhos, para falarem da sua infância aos filhos. Fazendo tudo isso, o tempo até acaba por ser pouco.

Mas estar em casa, nas circunstâncias actuais, não é um idílio. Há a ansiedade, a sensação de cerco, o pânico, a incerteza...

Os estados de emergência estão previstos em psicologia. Depois de sairmos disso, as pessoas deveriam fazer uma psicoterapia. Mas a psicologia também prevê a prevenção. Há uma previsão de que, quando tudo isto acabar, observaremos comportamentos bizarros, não normais. Teremos situações de stress pós-traumático, como observado nas guerras. Os sintomas são os níveis elevados de ansiedade, que irão cul-

minar com comportamentos de depressão. Há a depressão agitada e a catatónica, fechada, em que as pessoas não vão querer falar, dependendo do tipo de personalidade de cada um. Cada pessoa, dentro da sua estrutura mental, vai exibir um determinado comportamento. Nos jovens, como têm muita energia, e geralmente comportamentos de risco, vamos observar uma agitação muito elevada. Se reparar, não há acidentes automobilísticos...

De facto, o trânsito nas principais vias diminuiu muito...

Há uma cessação dos acidentes automobilísticos. Mas quando o Estado de Emergência acabar, vai haver uma euforia. Comparando, é como quando o pastor abre o curral e toda a manada corre para o pasto. Vai haver elevados níveis de ansiedade, uma grande euforia, excessos, os acidentes automobilísticos vão acontecer. As pessoas estão privadas de fazer as coisas que faziam no dia-a-dia, como por exemplo, beber muito com os amigos, ir a festas, dançar muito, realizar isto, procurar aquele... Quando tudo isto acabar, as pessoas vão ficar como quem saiu da prisão. Aliás, essa foi a linguagem usada pelo ministro Adão de Almeida, quando falava das medidas do Estado de Emergência. Ele disse que as pessoas ficam “privadas da sua liberdade”. A minha mente começa logo a pensar que estou presa. E a tendência é de as pessoas evadirem-se. Infelizmente, o nosso governo não fez aquilo que hoje se faz aquando de uma cirurgia. Quando se faz uma cirurgia, o paciente passa pela fase do pré-operatório, onde se faz a sua preparação psicológica, dizem-lhe que a sua perna vai ser amputada e é-lhe feita a psicoterapia para aceitar essa condição. Segue-se a operação e depois uma nova psicoterapia. O nosso governo teve tempo de fazer uma mínima preparação, com psicólogos mesmo.

Está a dizer que as questões psicológicas, mentais, deviam fazer parte das medidas do Estado de Emergência? Ou ser tidas em conta mesmo antes do Estado de Emergência?

O Estado, até dia 20 de Março, devia ter pagado já os salários e dito às pessoas para, obrigatoriamente, fazerem compras. Quando é que entramos no Estado de Emergência? Foi no dia 27 de Março. Mas antes do dia 20 já se sabia que entraríamos numa situação mais difícil, aliás, já se tinha pedido para as crianças ficarem em casa e não irem a escola. Não estou a atacar o governo, estou a falar como psicóloga e gostaria que me compreendessem assim. Somos um país que teve tempo para se preparar, tanto psicológica como materialmente. Por outro lado, mesmo até um criminoso preso tem direito a água. Se

o Estado fizesse uma preparação em função do que, em psicologia, chamamos prognóstico, não teria necessidade de usar a musculatura que se está a usar agora, dizer “vamos bater, não vamos dar rebuçados nem chocolate”. Não era preciso isso.

Então, os profissionais da área da psicologia deviam ter sido chamados para estarem representados nas comissões multisectoriais anti-covid-19?
Com certeza.

Não se pode remediar isso?

Pode-se remediar, logicamente. Todo o mundo sabe que a polícia não dá beijinhos, é um órgão de repressão que deve ser usado num caso extremo. E admira-me muito o senhor ministro [do Interior] Laborinho, que até é um psicólogo, membro da Ordem dos Psicólogos. A linguagem que ele usou não foi a mais adequada. Não estou a criticá-lo, ele até é meu amigo, foi meu colega de carteira. Como dizia, podia-se evitar isso. Convém que se use essa área da ciência. O Ministério da Saúde tem psicólogos, em momento algum foram chamados. Estão a chamar psico-pedagogos, sociólogos... Porquê? Por uma questão de capricho, não se chama o fulano porque não se simpatiza com ele, senão vai dizer muita verdade.

O ser humano tem duas componentes importantíssimas que não podem ser descuradas, a orgânica, essa que estamos a defender do coronavírus, mas também temos a componente mental. É o que todo o mundo está a dizer, “podemos não morrer da covid-19, mas de fome ou de sede”. Antes dizia-se “Em África temos muito sol, só são os velhos que estão a morrer e em África não há muitos velhos além disso por sermos negros...” Refa-telamo-nos e quando vimos que a coisa aqueceu, saímos então com os músculos de fora e os tanques de guerra. Não é assim que se deve tratar as pessoas. Até porque mesmo nos países onde o coronavírus já está em muitas pessoas, não estão a ser tomadas essas atitudes.

O Estado está a ser excessivo no uso da força contra as pessoas?

Está a exceder-se, desneces-

sariamente. Agora tem de ser como um pai carrasco, que bate porque não se preparou. O Estado devia trabalhar com profissionais da área mental, para preparar a população. Se isso acontecesse, as pessoas compreenderiam melhor o fenómeno. A força humana acaba onde começam a actuar as leis da física. E a fome e a sede são fenómenos físico-fisiológicos.

Corre-se o risco da guerra contra o coronavírus se transformar numa guerra contra as pessoas, que vão à rua procurar água e comida?

Sem exageros, mais de 80 por cento da população de Luanda não tem água corrente. O que é a psicologia? É a ciência do comportamento humano e animal e dos processos da mente. Quando falamos do ser humano, estamos a falar da interacção que ele estabelece com o outro, através de atitudes, comportamentos. Se descurar esse lado, então você está a tratar as pessoas como se estivessem há dois mil e tal anos. E vou ser franca. Há dois mil e tal anos aqueles iluminados Platão e Aristóteles já estavam preocupados com os processos da mente. O comportamento humano é importante. O nosso governo – estou a mandar recado – tem de considerar que o ser humano é composto de corpo e mente. Não é só corpo para apanhar porretadas. É também uma pessoa que pensa “eu não vou fazer isso”. Mas para tal é preciso prepará-la, para criar o que se chama habituação. E o hábito é destituído de consciência. Com isso, quero dizer que quando estou habituado a realizar uma acção, não preciso de ir aos processos da mente para realizar tal acção. Se o Estado me diz “Fica em casa”, eu fico. Mas isso acontece quando tenho água canalizada, gás canalizado, luz 24 horas por dia, uma padaria a menos de 500 metros de casa e serviço de entrega de comida. Quando importas um comportamento, diametralmente oposto ao teu, isso é um comportamento contra natura, contra as leis da própria natureza humana.

Reformulo a pergunta: o Estado está a ir longe de mais?

Ao decretar a quarentena, o Estado está a mostrar que está preocupado com a saúde pública da sua população, com os seus cidadãos. Isso é de louvar, apesar de ser sua obrigação. Mas, ao realizar essa acção, não criou as condições para o efeito. As medidas são tão rígidas, que as pessoas podem não morrer da covid-19, mas dessas medidas. É o que às vezes ocorre, os pacientes morrem não pela doença mas pela medicação.

Qual é então a solução?

O Estado tem de cumprir as promessas que fez. A primeira grande promessa é levar, de facto, no sentido lato, água a todos os recônditos do país. O Decreto do Estado de

Emergência é para todo o país, não só para a baixa de Luanda. A outra promessa é fazer com que os produtos cheguem às lojas, aos supermercados. O Estado tem de garantir uma cesta básica, porque as pessoas não vão ficar quinze dias sem comer. Estes dois produtos, água e comida, são básicos para as pessoas estarem confinadas.

Isso não é mais um motivo para se incrementar o trabalho psicológico?

Sim. Mas ninguém vive só de palavras. Marx dizia: “A consciência material determina a consciência social”. Isso quer dizer que tens de dar de comer às pessoas, para que consigas a sua privação social. No mundo há pessoas que preferem ficar presas. Porquê? Porque na cadeia ele, se calhar, está bem, come bem, tem água, está seguro. Nós vimos, durante a guerra, que muitas pessoas morreram quando iam a procura de comida. Quantas pessoas morreram assim? O Estado deve respeitar a população, porque é essa mesma população a quem, daqui a poucos anos, se vai pedir para ir votar. Temos de ter muito cuidado, para evitarmos os votos em branco.

Ninguém sabe qual será o curso do novo coronavírus no nosso país. Na pior das hipóteses, o que é que poderá acontecer às pessoas confinadas durante muito tempo?

Um dos grandes problemas será a irritabilidade, resultante da frustração. A frustração é a incapacidade da pessoa realizar um determinado objectivo. Quando isso acontece, a tendência da pessoa é descarregar a sua energia na pessoa que estiver ao lado. Nos primeiros dias parece tudo muito bonito, muitos terão a sensação de que o Estado deu férias gratuitas, mas depois as pessoas cairão na real. A quarentena tem um peso económico, vai tocar na economia das famílias. E também sabemos que temos em Angola muitos casos de poligamia. Muitos homens, nessa condição, vão ficar irritados por não poderem estar com a outra mulher e com os filhos da outra relação. E as mulheres vão ficar frustradas e irritadas, por não poderem estar com o companheiro, que estará com a outra. Tudo isso, vai levar à violência doméstica.



“Há livros muito bons, que devem ser lidos. Este é o momento ideal, por exemplo, para os pais estarem mais próximos dos filhos. É o momento dos filhos conhecerem bem os pais”



Maria da Encarnação

António Rodrigues Pimenta nasceu em Ndalatando, aos 20 de Abril de 1954. Possui o mestrado em Psicologia Industrial e Clínica pela Universidade de Lagos, Nigéria, e a licenciatura em Ciências da Educação pelo ISCED de Luanda. Lecciona na Universidade Católica, entre outras, as cadeiras de Bases Psicológicas do Comportamento e Avaliação da Inteligência e da Personalidade. Trabalhou, de 1975 a 1990, como chefe de Gabinete do escritor António Jacinto, então ministro da Cultura. É autora de 13 livros, que, na forma de ensaio ou romance, versam sobre psicologia. Todos foram publicados na colecção “Modelos de Delinquência”.



Nota importante

Como se pode depreender, esta entrevista foi feita antes da prorrogação, na quinta-feira, do Estado de Emergência. É de sublinhar que, no mesmo dia, o Executivo adoptou medidas no sentido de aliviar os agregados familiares que “vivem sob a ameaça do aumento dos custos dos bens básicos”. Uma dessas medidas é a de disponibilizar recursos, num total de 315 milhões de kwanzas, para apoiar as famílias carenciadas com bens da cesta básica. Foi ainda anunciado o início, em Maio próximo, da primeira fase do Programa de Transferência Social e Monetária em benefício das famílias economicamente vulneráveis.

DEPOIS DO SUCESSO ALCANÇADO NO GHANA, GABÃO E CAMARÕES

Mister Nzila quer conquistar mercado angolano

Mister Nzila é um músico angolano, natural de Cabinda, que cresceu em vários países da África Ocidental. “Bokolo” é a sua mais recente proposta promocional, numa parceria com Mestre Danguí. Ele é ainda autor, entre outros, de “Kill Me”, o tema que conquistou o Ghana e a Cote d’Ivoire, e de “Luzolo Kiame” e “Tudo Bala”

Analtino Santos

Linho Nzila, isto é, o próprio Mister Nzila, pensa que 2020 é o ano para conquistar o público angolano, tal como o fez no Ghana, Gabão e Camarões, países onde já viveu e tem como principal sucesso a música intitulada “Kill Me”, que figurou no Top 10 do Ghana e Gabão.

Com quase duas décadas a viver nos países de origem de muitos dos imigrantes africanos que em Angola detêm o negócio das cantinas, aliás, é lá que fez parte da sua formação artística, Mister Nzila agora aposta na sua carreira musical em Angola. Ainda garoto, aos 11 anos, deixou o país e acompanhou o pai em missão de serviço em países como Togo, Gabão, Camarões, Ghana e Cote d’Ivoire. Fez uma licenciatura em Botânica mas não deixou a música, que, ainda criança, foi absorvendo em Angola, a que acrescentou o que bebeu do frenético

ambiente musical dos três países onde cresceu. O português, inglês, kikongo, kimbundu, lingala, umbundu e expressões das línguas da África Ocidental, são usados nos seus temas, onde o amor, a paz, o quotidiano e o sentimento pan-africano, que o seu percurso de vida permitiu, estão em destaque.

Mestre Nzila reconhece que a sua inserção no mercado angolano não será fácil, pelo que, numa primeira fase, o seu trabalho na indústria petrolífera é o suporte não apenas para o seu sustento, mas para o financiamento do seu projecto musical. Nesta fase angolana já tem seis músicas gravadas com as sonoridades Afro-House, Naidja, Raggamuffin, e Reggae, estilos muito apreciados no continente, a que acrescentou o Zouk, Kizomba e Ghero Zouk, que muito marcam o meio musical angolano e de outros países dos Palop. O momento agora é de divulgar os temas “Bokolo”, com Mes-

tre Danguí, “Luzolo Kiame”, “Kill Me” e “Tudo Bala”. O actual Estado de Emergência, por causa da Covid-19, não lhe permite, obviamente, fazer concertos, sendo a alternativa os programas televisivos.

O artista, que é um admirador de Bangão, diz que está a fazer esforços para introduzir no mercado uma versão sua do sucesso “Dioguito”. A música o remete aos tempos de distância e de saudade da terra mãe. Mestre Nzila garante que “Dioguito”, mais do que uma versão, será uma homenagem a Bangão, um artista que não atingia apenas os amantes da música angolana de raiz.

“Esta música é para recordar os passos do mais velho Bangão, um dos meus ídolos. Se ele estivesse em vida, seria o primeiro artista em Angola a cantar comigo”, frisa, revelando que está a tentar um acordo com a família de Bangão, no tocante aos direitos autorais.

Experiência de vida na diáspora

No seio familiar de Mestre Nzila, Tecula Muladi, um tio, nas terras do Mayombe, já animava os ambientes culturais. Foi com este espírito que em 1995 Nzila fez parte do grupo Osu Boys, no Ghana. Em 2018 teve um tema seu em 9º lugar num concurso internacional no Gana. Depois, na terra de Félix Houphoet Boigny, em 2000, na cidade de Yamoussoukro, capital política e onde está localizada a maior Basílica Católica, integrou o grupo Côte Gauche, expressão francesa que significa “o lado esquerdo”. Nzila revela que a sua família “teve de viver em diferentes países da África Ocidental. Começamos no Ghana, a seguir fomos à Côte d’Ivoire, Togo e regressámos ao Ghana. Tínhamos de acompanhar o meu pai, porque ele tinha um cargo na embaixada de Angola nos referidos países”.

Mestre Nzila realça a livre circulação de pessoas na

CEDEAO (Comunidade Económica dos Estados da África Ocidental), que reforçou a sua ideia dum continente unido e aprofundou o seu amor pela diversidade cultural. O músico relatou-nos um incidente que teve na fronteira do Togo, dias depois do ataque que a selecção de futebol deste país sofreu em Cabinda, aquando do CAN de 2010. Alguns funcionários administrativos e cidadãos daquele país tentaram detê-lo por ser cidadão angolano, mas a onda de solidariedade de outros passageiros togoleses que o reconheceram como artista foi tão forte que as autoridades desistiram de o deter. Nzila conta esse episódio para realçar a força que o futebol e a música têm no continente africano.

Mas o seu lado musical nem sempre agradava à família, que estava preocupada com a sua formação académica e as possíveis

consequências negativas para a posição profissional do pai.

“A minha mãe notou que eu estava a dar mais interesse à música. Então, aconselhou-me a me empenhar mais na formação académica”, observa, sublinhando que embora estivesse a estudar, participava nas actividades do grupo musical, mas com menos regularidade.

Em relação a um dos países onde residiu, o Ghana, Mestre Nzila diz que os músicos angolanos não estão atrasados em relação aos artistas daquele país, porque, argumenta, o mercado angolano é competitivo. “Em Angola, os artistas cantam vários géneros. Quando estava no Ghana, costumava acompanhar músicos nacionais como Cabo Snoop e Os Detroia, estes que têm a famosa música ‘Bela’ à qual faço referência nas estrofes de uma minha música”.



ARQUIVO DO ARTISTA

Sentido apurado de oportunidade

ARQUIVO DO ARTISTA

Mister Nzila afirma que, em termos de música, o mercado angolano está bem, mas gostaria que os promotores de eventos investissem mais nos novos talentos. “A música é uma cultura e tenho notado que os novos talentos não têm tido oportunidades e, por isso, não são vistos. Os músicos que mais sobressaem são aqueles que já são conhecidos no mercado”, observa, lamentando que os promotores não têm a cultura de entrar nos bairros suburbanos para pesquisar novos talentos.

Mister Nzila diz que 2020 é o momento exacto para a sua afirmação em Angola, depois de ter estudado o mercado nacional. Reconhece que não é fácil, para um músico que veio do exterior, entrar no mercado e lançar uma música. “Foi necessário pesquisar as tendências e o ambiente musical. Penso que também foi uma oportunidade para mim, porque eu faço a vibe (estilo) Nadja, que está a bater”, explica, afirmando que percebeu qual era o momento oportuno para lançar a sua música.

A letra e a direcção artística de “Kill Me” foram feitas no Ghana, mas a produção da música foi feita em Luanda pelo angolano Dj Fila. Depois da sua produção, conta, a música foi masterizada no Ghana. “Kill me” significa, vulgarmente, “Mata-me”. No entanto, o conteúdo da música não é este. Ou seja, é “Keep the voicelow and whith love”, que quer dizer “mantenha a voz baixa e com amor”, elucidada, reforçando que a mensagem refere-se a um casal que está em briga e a ideia subjacente é que o melhor momento para se reconciliar é quando os ânimos estão mais calmos.

Mister Nzila dá a conhecer que “KillMe” foi selec-

cionada para concorrer ao Top 30 Ghana. “Atingimos o nono lugar, que é muito bom para uma música que veio do exterior do Ghana”.

“Temos muitos músicos angolanos que fazem boa-música. Se calhar, o mercado ghanês é que ainda não está atento ao nosso trabalho. Estamos a perder um pouco de peso, relativamente ao mercado da África Ocidental”.

Segundo Mestre Nzila, se um artista que esteja a fazer sucesso, neste momento, em Angola, for a um país da África Ocidental, não o vão perceber, porém, “se for o músico Cabo Snoop já o vão reconhecer, porque ‘Windeck’ foi e é uma febre nessa região”.

O artista, que esteve nas posições cimeiras de alguns tops da África Ocidental, gostaria que outros músicos angolanos apostassem nessa zona de África, que tem lançado as últimas grandes estrelas do showbiz africano, com a nova geração de artistas nigerianos na frente, e levado estrelas de outros pontos do continente, como África do Sul, Tanzânia e RDC, a fazerem parceria.

“Temos muitos músicos angolanos que fazem boa-música. Se calhar, o mercado ghanês é que ainda não está atento ao nosso trabalho. Estamos a perder um pouco de peso, relativamente ao mercado da África Ocidental”



“Atirar a matar”

Com vários temas seus a passar nos canais de televisão e em programas de rádio, um dos trabalhos mais recentes de Mister Nzila é uma parceria com Mestre Danguí, “Bokolo”.

Mister Nzila, neste momento, está a trabalhar num projecto com o músico Menover, pertencente ao Santa Máfia, grupo que detém a autoria do sucesso “Moça do Ginásio”.

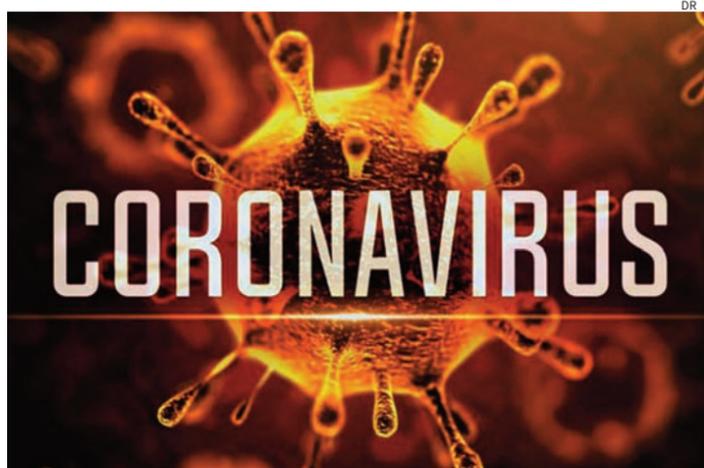
“Este projecto é de cinco músicas, mas já realizamos duas. As coisas estão a correr bem. Mas continuo a cantar a solo, porque este é apenas um projecto”, esclarece, acrescentando que a sua prioridade, até pouco antes

de decretado o Estado de Emergência, era apostar em concertos musicais, sobretudo na capital do país.

Mister Nzila aproveitou a conversa com o repórter do *Jornal de Angola* para dar a conhecer que está nos acertos da parte final do seu “maxi single”, que comportará quatro faixas, uma das quais virá a ser, provavelmente, a sua versão de “Dioguito”, de Bangão.

O músico garante que está apostado em fazer vencer a sua carreira no país natal. E vai mesmo mais longe, dizendo metaforicamente, com ênfase, que pretende “atirar a matar”, tal como o fez na África Ocidental, o seu segundo lar.





Carta confidencial e secreta ao coronavírus

Prezado Senhor!

Não o conheço, mas esta carta é confidencial e secreta. Asseguro-lhe que a escrevo num bunker, no mais absoluto sigilo e sem testemunhas oculares

Tazuary Nkeita

Também confesso que tomei esta decisão depois de vê-lo pela TV, em tamanho gigante, onde apareceu dez vezes maior do que a cabeça do apresentador do programa e quase fazendo “O Sol tremer de frio...!”

Essa de “Ver o Sol a Tremer de Frio” é uma frase célebre do meu falecido pai que retive desde a minha infância e quer dizer arrepende-se por ter “nascido”!

Mas, esteja descansado. O meu pai morreu há mais de 30 anos, mas não foi infectado pela estirpe do senhor Novo Coronavírus!

Se lhe conto este episódio da minha vida familiar, não é por intimidade, nem por bajulação, mas, unicamente, pelas três seguintes razões que vai entender:

Primeiro, o Sol transmite a Vitamina-D que reforça a imunidade humana contra a sua ameaça de morte;

Segundo, aprendi com o meu pai a nunca fazer inimigos, a dialogar e a desfazer

equívocos, mas quando tal não acontecia, ele me ensinava a desafiar o adversário num frente à frente, a mostrar a cara e a esmagá-lo com argumentos pacíficos e assertivos!;

Em terceiro lugar, quero lhe dizer que não foi você quem matou o meu pai, e por isso, não pense que tenho medo de morrer infectado como fez às suas vítimas... E digo mais: não me assusto com a sua cara redonda e gordurenta cheia de espinhos pontiagudos apontados em todas as direcções! Saiba por isso que só lhe escrevo porque estou disposto a enfrentá-lo com as mãos limpas, muita disciplina e autoconfiança...!

Saiba, portanto, que a sua invisibilidade não me amedronta e que eu não vou tremer se você me aparecer à frente!

Responda já à seguinte pergunta:

- Quer conversar comigo, agora?

- ...?! -, silêncio.

- Bom, não quer responder, já vi que também é fan-

farrão e não gosta do diálogo, mas vai ouvir: acabou a brincadeira! Eu sei que você só quer nos “confundir”, como dizem os pés descalços aqui na minha cidade, onde a quentura do Sol e a sede na garganta sem água é o que mais nos castiga. Também sei que há muita gente a cair no seu jogo, procurando supostos inocentes e culpados pelo surgimento deste vírus. Nessa conversa de taberna, eu não caio, mas se você quiser falar, dou-lhe mais uma possibilidade para responder. Eu sou um ser humano criado por Deus. E você é deus ou é diabo? Diga quem lhe criou e quem lhe mete em contacto com a primeira vítima...? Ouviu...? Fala, fala!!!

- ...?! -, o novo Coronavírus não se mexe.

- OK. Já percebi o suficiente. Você faz todos tremer de frio e faz Guerra Fria, como nos anos 70's, é? Esqueceu que estamos no sec. XXI e que a Guerra Fria entre soviéticos, americanos e chineses acabou? Ou considera que “Isto não é bem assim...?”

Ah!, é uma Guerra Económica!? Conseguiu paralisar a economia mundial...?! Você é contra o capitalismo? Alguém disse que você veio para acabar a extrema pobreza, é verdade? Você é comunista ou extra-terrestre?

- ...?! -

- Hein!

- ...?! - É madrugada. Nada se mexe e nada se ouve!

- Quer falar livremente ou quer que lhe puxe a língua? Bom... tenho uma nova proposta para te convencer a negociar comigo, sem beijos nem abraços. Vamos fazer um trato. Ofereço-te, gratuitamente, os planos que os humanos aprovaram para te matar e, em troca, tu me vendes os dados de quem te mostrou o caminho para atacares a China, Espanha, Itália, Alemanha, Reino Unido, Portugal, EUA, África do Sul, Angola..., e por aí fora! É Give & Take (Toma lá & Dá cá), concordas?

- ...?! -, novo silêncio.

- Te ofereço mais: um bom “Gelato italiano”, com imagens da Ada Zanussi! Sei que a conheces e vais gostar!

Ou preferes gelatina? Fala, COVID-19! Queres ou não...?

Burro não és, canalha! O gelado e a gelatina eram um presente envenenado e tinham espuma de sabão com cloro para te matar!

Aliás, fica a saber que toda a Humanidade está contra ti, mas a fórmula para te liquidar não veio de nenhuma chefia militar da Alemanha, China, Estados Unidos, OTAN ou da Rússia. Veio de todos os países, povos e indústrias mundiais globalmente unidos pela sua sobrevivência. As armas que te vão destruir são mãos limpas, álcool gel ou água e sabão, máscaras de protecção e muita disciplina táctica. E agora, já aceitas voltar à procedência? Quem te mandou aqui? Foge enquanto é cedo e vai-te embora da nossa Terra, “Milhoró!” ...

- ...?! -, o novo Coronavírus continua invisível, mas sinto comichões na boca, nos olhos e no nariz.

- És casmurro, nós somos todos “intocáveis”! Os humanos estão a ser ensinados a não tocar na cara sem lavar

correctamente as mãos. Não vou perder mais tempo contigo. Vais ser morto! E, não penses que vais encontrar aliados estrangeiros como nos conflitos militares.

Ouve, “CoronaBurro”! Não foi por mero acaso que te falei de “O Sol a tremer de frio”. Será que tiveste o cuidado de ler “A Cidade do Sol” do italiano Campanella, antes de atacares a França e a Itália? Ou também és um soldado-clone cego, analfabeto e sem cérebro?

Ah, é isso. Não tens cabeça e nasceste para infectar e matar? Mas vais ouvir: neste momento estás cercado! Quem te vai matar e te extinguir da Terra não é o poderio bélico nem as bandeiras dos EUA, da China nem da Rússia! O cerco é dirigido por uma coligação internacional formada por: Saúde, Sobrevivência, Solidariedade, Entreeajuda, Coragem, Amor à Vida e Esperança na Vitória.

Foste teimoso e agora vais morrer sem perdão, com água e sabão, e sem direito a caixão!